



COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT)

➤ O nascimento da CPT

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO). Foi fundada em plena ditadura militar, como resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia, explorados em seu trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam.

Nasceu ligada à Igreja Católica. O vínculo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ajudou a CPT a realizar o seu trabalho e a se manter no período em que a repressão atingia agentes de pastoral e lideranças populares. Logo, porém, adquiriu caráter ecumênico, tanto no sentido dos trabalhadores que eram apoiados, quanto na incorporação de agentes de outras igrejas cristãs, destacadamente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

➤ O que a CPT objetiva

A CPT foi criada para ser um serviço à causa dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e de ser um suporte para a sua organização. O homem e a mulher do campo são os que definem os rumos a seguir, seus objetivos e metas. Eles e elas são os protagonistas de sua própria história. A CPT os acompanha, não cegamente, mas com espírito crítico.

➤ Os destinatários da ação da CPT

Os assim chamados posseiros da Amazônia foram os primeiros a receber atenção da CPT. Rapidamente, porém, sua ação se estendeu a todo o Brasil, pois os trabalhadores e trabalhadoras da terra, os camponeses em suas mais diversas categorias, onde quer que estivessem, enfrentavam sérios problemas.



Ela se destacou pela defesa do direito dos trabalhadores à terra, sobretudo posseiros e sem-terra. Só que a democratização do acesso à terra passa pela quebra do latifúndio, por isso, se envolveu diretamente com as diversas lutas e manifestações em favor da Reforma Agrária.

Em cada região, o trabalho da CPT adquiriu uma tonalidade diferente de acordo com os desafios que a realidade apresentava. Por isso logo se envolveu com os atingidos pelos grandes projetos de barragens que expulsavam milhares de famílias para a construção de hidrelétricas, como a Itaparica, no Rio São Francisco, e Itaipu, no Rio Paraná. Mais tarde apareceu com força a realidade de milhões de famílias sem terra, à busca de um pedaço de chão para garantir seu

sustento e o da família.

Logo mereceu destaque especial tanto a organização da produção, quanto sua comercialização. Mas não qualquer produção. Precisava ser saudável, com respeito ao meio ambiente numa convivência respeitosa com os diversos ecossistemas e no combate ao desmatamento indiscriminado, às queimadas e ao uso de agrotóxicos. Nesta lógica, foi sendo trabalhada a produção orgânica, a agroecologia, o resgate das sementes tradicionais ou crioulas.

➤ Água um eixo da ação da CPT

Nesta preocupação com o meio ambiente, a água se tornou um eixo de ação. A CPT entrou com firmeza na defesa da água como um direito da humanidade e dos demais seres vivos e contra toda tentativa de privatização. Denunciou a destruição de nascentes, a poluição pelos agrotóxicos e pela ação das mineradoras. Nesta lida a CPT cunhou a palavra hidronegócio para expressar a tentativa do capital de tornar a água uma mercadoria igual às outras.

➤ CPT e Direitos Humanos

A CPT, desde sua criação e até hoje teve e tem preocupação e acompanha assalariados rurais, peões, bóias-frias, com especial atenção aos submetidos a condições análogas ao trabalho escravo. Pelo trabalho desenvolvido a CPT pode ser considerada uma entidade de defesa dos Direitos Humanos. Direito à posse da terra, direito de nela permanecer e trabalhar, direito de acesso à água, direito ao trabalho e este em condições dignas. Na promoção e defesa do direito ao trabalho, a CPT tem se destacado na denúncia e no combate sistemático ao trabalho escravo. Para isso criou, em 1997, a Campanha Nacional de Combate ao Trabalho Escravo: De Olho Aberto para não Virar Escravo. A denúncia das violações dos direitos dos trabalhadores terra, bem como a defesa das vítimas destas violações, acarretaram para muitos de seus agentes, ameaças, perseguições e até a morte.

Para reforçar a luta pelos direitos, a CPT criou um setor de documentação, Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, que registra os conflitos em que os homens e as mulheres do campo estão envolvidos e a violência que sofrem.

A CPT incorporou ainda na sua luta pelos direitos, os direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais, os chamados Dhesca. Por isso mantém relações estreitas com diversas entidades de direitos humanos.

➤ Diversidade camponesa

No acompanhamento às comunidades, e na esteira da reflexão de muitos companheiros e companheiras de caminhada, a CPT foi percebendo a rica diversidade de tradições e culturas dos povos do campo.

Cada grupo camponês tem características próprias, identidades diferentes. Com isso começou a dar mais atenção a essa diversidade e a buscar um tratamento diferenciado a cada uma delas – indígenas, quilombolas, posseiros, extrativistas, seringueiros, faxinalenses, geraizeiros, camponeses de fundo e fecho de pasto, retireiros do Araguaia, assentados, ribeirinhos, acampados, sem terra, atingidos pela mineração, atingidos pelos grandes projetos, camponeses tradicionais, atingidos por barragens, migrantes, pequenos agricultores, juventude camponesa, coletivos de mulheres - e muitas outras mais. Muitos destes grupos e comunidades são qualificados como comunidades tradicionais. Uma das características que os distingue é o uso comum da terra onde vivem e trabalham.

➤ Um olhar para o futuro



Em 2020 a CPT completa 45 anos de existência e busca, na sua história, os elementos essenciais para sua caminhada futura.

São eles:

1. A reafirmação de sua espiritualidade e de seu caráter pastoral.
2. O fortalecimento das comunidades e seu protagonismo.
3. A denúncia das ações que privilegiam o capital, em detrimento dos direitos das comunidades camponesas.
4. A construção das relações sociais de poder e gênero, de valorização e libertação da mulher camponesa e de fortalecimento de iniciativas da juventude camponesa.
5. O desenvolvimento de processos de formação que contribuam no fortalecimento da CPT e das comunidades.

Para isso a CPT precisa adequar sua estrutura organizativa aos desafios da nova realidade social, para garantir sua sustentabilidade pastoral, política e financeira.

➤ Missão da CPT

Convocada pela memória subversiva do evangelho da vida e da esperança, fiel ao Deus dos pobres, à terra de Deus e aos pobres da terra, ouvindo o clamor que vem dos campos e florestas, seguindo a prática de Jesus

A CPT quer ser uma presença solidária, profética, ecumênica, fraterna e afetiva, que presta um serviço educativo e transformador junto aos povos da terra e das águas, para estimular e reforçar seu protagonismo.



A CPT reafirma seu caráter pastoral e retoma, com novo vigor, o trabalho de base junto aos povos da terra e das águas, como convivência, promoção, apoio, acompanhamento e assessoria:

1. nos seus processos coletivos:

De conquista dos direitos e da terra, de resistência na terra, de produção sustentável (familiar, ecológica, apropriada às diversidades regionais);

2. nos seus processos de formação integral e permanente:

A partir das experiências e no esforço de sistematizá-las; com forte acento nas motivações e valores, na mística e espiritualidade libertadora;

3. na divulgação de suas vitórias e no combate das injustiças;

Sempre contribuindo para articular as iniciativas dos povos da terra e das águas e buscando envolver toda a comunidade cristã e a sociedade, na luta pela terra e na terra; no rumo da “terra sem males”.

(Texto elaborado, em novembro de 1998, por agentes que participam da CPT há mais de dez anos e revisto e aprovado durante o I Congresso da CPT, realizado em Bom Jesus da Lapa, em 2001)

➤ A CPT no Ceará

A CPT nasceu no Ceará em 1976, um ano antes de ser criada nacionalmente, a partir da atuação pastoral de Dom Frago e vários agentes na Diocese de Crateús. Ao se expandir, a CPT passou a ter presença também nas dioceses de Crato, Iguatu, Quixadá, Limoeiro do Norte, Fortaleza, Itapipoca e Sobral. Ainda hoje a CPT está presente nestas dioceses, seja através de equipes formadas ou de pessoas de referência.

O trabalho da CPT no Ceará sempre foi marcado pelo apoio às lutas por Reforma Agrária, seja apoiando e acompanhando acampamentos e assentamentos rurais; pela formação da juventude camponesa, principalmente através das EFAs, das Escolas Camponesas e do apoio à Pastoral da Juventude do Meio Rural (PJR); pela participação nos espaços de promoção da Agroecologia e da Convivência com o Semiárido; pelo apoio a comunidades atingidas por barragens e pela mineração; no acompanhamentos a trabalhadores/as em situação de migração; pelo acompanhamento de comunidades quilombolas; na luta pela preservação ambiental; pelo trabalho com mulheres, na saúde alternativa e no artesanato; nas lutas em defesa de políticas públicas para os povos do campo e pelos direitos da pessoa humana.



➤ Quer participar da CPT?

Aquelas pessoas que possuem o desejo de contribuir com os trabalhadores/as rurais no Ceará, através da CPT, podem entrar em contato com a coordenação regional. Essa é uma oportunidade para jovens de diversas pastorais de juventude, inclusive a PJMP, que queiram dar continuidade ao seu trabalho pastoral, ou mesmo continuando na PJMP, mas que desejem contribuir com as comunidades rurais através da CPT.

Claudio Sobral: (85) 9 99969547

Elenice Moraes: (88) 9 9928 7135

Thiago Valentim: (88) 9 9627 9567